

O Poder Financeiro de Atenas e a Opção Estratégica de Péricles

O mundo grego, em especial Atenas, viveu os seus anos de ouro na chamada era de Péricles que dirigiu Atenas durante a criação do seu império comercial no mar Egeu.

As décadas que precederam a guerra do Peloponeso forjaram uma política com enorme ênfase na diplomacia e na finança. Atenas tornou-se num estado marítimo e cosmopolita, fundamentalmente oposto à austeridade espartana e à sua disciplina marcial. Só Atenas era capaz da política preconizada por Péricles e não fossem os enormes danos da peste, impossíveis de prever numa era sem conhecimento sobre a transmissão de doenças, é possível que a estratégia do “primeiro cidadão ateniense” tivesse colhido resultados favoráveis para Atenas.

O MUNDO HELÉNICO DO ANTEBELLUM À GUERRA DE ARQUIDAMOS

Após a derrota da Pérsia pela aliança helénica o mundo grego dividiu-se em três blocos distintos, a Liga do Peloponeso sob liderança espartana, o entendimento dos dois principados da Sicília, Siracusa e Agrigento e a aliança de estados liderada por Atenas. O bloco ateniense incluía os estados gregos da Ásia menor e a maioria dos estados insulares do mar Egeu. Nas décadas posteriores às guerras médicas Atenas desenvolveu a maior e mais poderosa força naval da região e esculpiu um império comercial com domínio sobre



POR
Vasco Orey

Aluno da Classe
de 2011 do IEP-UCP

o mediterrâneo oriental. A manutenção desta força naval implicava um custo maior do que Atenas por si só era capaz de suportar. Assim, os seus aliados eram obrigados a contribuir com material apesar de poucos terem capacidade para tal. De facto, a maior parte dos parceiros de Atenas desistiu da manutenção de uma frota própria optando por fazer uma contribuição financeira para o tesouro de Atenas, o que amplificou ainda mais a dependência dos aliados perante a cidade hegemónica que usava estes fundos para manter os seus marinheiros no activo durante oito meses anualmente tornado-os nos mais experientes do mundo grego. No auge da guerra apenas Lesbos e Chios mantinham frotas próprias o que no entanto não lhes dava verdadeira independência tendo em conta a enorme disparidade de forças relativamente a Atenas.

Estes foram os anos em que a política externa de Péricles assumiu a forma de um pan-helenismo que absorveria lentamente os estados libertados do domínio persa num império ateniense. A sua procura de supremacia do mundo grego de-

terioraram as relações de Atenas com os seus novos aliados a oriente a quem não era já reconhecido o direito de secessão.

A política externa de Atenas até ao fim da década de cinquenta quando aquele estado finalmente atingiu uma paz duradoura com o império persa que tinha guerreado intermitentemente durante mais de cinquenta anos, fora marcada por muitos excessos e as perdas materiais e humanas revelavam um peso excessivo sobre as capacidades de Atenas. A política externa de Péricles até à sua morte seria assim marcada por um temperar dos expansionismos pela violência, e o político ateniense evitou a todo o custo o conflito directo o que veio a influenciar naturalmente a sua acção nos primeiros anos da grande guerra vindoura.

Esparta por sua vez, mantinha a sua peculiaridade numa época de expansão do modelo democrático ateniense. Essencialmente, o cidadão espartano nascia para ser soldado. O homem espartano não trabalhava nos campos ou exercia actividades comerciais. O estado vivia assim de uma população circundante escravizada, os hilotas. Isto implicava a manutenção constante de um contingente militar nesse território de modo a conter eventuais revoltas. Longe do mar e sem uma frota própria, Esparta estava severamente limitada na sua capacidade de projecção de poder. Dos seus aliados Corinto era a única cidade com uma força naval significativa.

No auge do conflito o corpo de cidadãos espartanos andaria à volta dos cinco mil homens. O resto da força militar espartana provinha dos habitantes das regiões circundantes, os periecos (*da periferia*), homens livres mas não-cidadãos sob governo de Esparta. Para além de fabricarem os bens do quotidiano e os materiais de guerra, os periecos combatiam muitas vezes ao lado do corpo hoplita de cidadãos espartanos. Os grandes exércitos eram convocados com o apelo aos estados aliados do Peloponeso que acabariam por formar a grande maioria da força de combate especialmente em guerras fora do Peloponeso.

PÉRICLES E A NÃO-CONFRONTAÇÃO

Nos anos que precederam a guerra, Péricles via-se confrontado com uma feroz oposição interna que visou a humilhação pública de muitos dos seus aliados políticos e amigos. Ele próprio chegou a ser acusado num escândalo de desvio fundos públicos. Contudo, não foi possível aos seus inimigos eliminarem o aristocrata ateniense. Este por sua vez encontrou apoio na classe mercantil e industrial que procurava a expansão do império comercial daquela cidade. Péricles estava também ciente da condição de Atenas vis-à-vis os seus futuros inimigos. A Liga do Peloponeso seria capaz de uma conscrição de trinta mil homens mas sendo que a sua maioria seriam camponeses estes teriam que voltar à suas terras limitando

assim a capacidade espartana de manutenção de um esforço de guerra contínuo e prolongado. O Peloponeso poderia invadir a Ática e destruir os seus campos mas Atenas seria capaz de se abastecer por via marítima por tempo indefinido e as suas muralhas eram virtualmente inexpugnáveis. O Peloponeso era comparativamente pobre, sem grandes reservas de moeda nem a possibilidade de tributar um território tão vasto como o ateniense. Atenas era inclusivamente capaz de se dar ao luxo de sacrificar a sua produtividade na Ática e compensar financeiramente os donos daqueles territórios. A estratégia era assim uma de não-confrontação por terra. A população da Ática seria movida para o interior da muralha da polis e a frota estaria ocupada em continuamente atacar a costa do Peloponeso e asfixiar o seu comércio e a sua capacidade de abastecimento.

A expectativa de Atenas seria assim de uma guerra de atrito que, calculava Péricles, levaria eventualmente o inimigo a regressar a casa após as suas tentativas de invasão falhadas. De facto, devido à sua capacidade de fornecimento deficiente, as invasões anuais da Ática por parte do Peloponeso foram na sua generalidade

curtas, com poucos custos materiais e praticamente sem efeito sobre o abastecimento de Atenas.

CONCLUSÕES

No que toca à ligação entre o poder financeiro ateniense e a estratégia adoptada por Péricles durante a primeira fase da guerra do Peloponeso, a resposta é multifacetada e a finança é tanto um meio como um fim, na medida em que é do interesse ateniense a manutenção da sua economia que é ao mesmo tempo o principal agente na sua capacidade de fazer guerra nos termos que Péricles determinou. A estratégia de não-confrontação de Péricles reflecte em larga medida a natureza do próprio regime ateniense e a experiência passada daquele dirigente. Uma sociedade mercantil altamente sofisticada como era Atenas e com a capacidade marítima que tinha era o candidato ideal para este tipo de estratégia. A tradição da era de Péricles de ênfase na diplomacia e nos tratados como instrumento de império reflectia-se nesta decisão de evitar o confronto militar directo e estrangular o inimigo economicamente. Se é verdade



Essencialmente, o cidadão espartano nascia para ser soldado. O homem espartano não trabalhava nos campos ou exercia actividades comerciais



que os ataques costeiros atenienses eram extremamente destrutivos, a estratégia no seu todo assemelhava-se mais, para Atenas, a uma disputa comercial, não havendo exércitos atenienses a confrontar os hoplitas espartanos em campo aberto. A acção de Péricles era contingente no facto de Atenas possuir grandes capacidades económicas e parece improvável que uma estratégia de sucesso, fosse qual fosse, não incluísse este elemento naval já que a superioridade terrestre espartana era inevitável. A economia assume assim este papel fundamental, na medida em que permite a Atenas prosseguir esta política que por sua vez se baseia em expectativas sobre a situação económica oposta do Peloponeso que fosse também ele uma potência naval inviabilizaria uma tática baseada na sua contenção. ■